

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

**A mulher idosa no contexto da institucionalização: autoimagem,
autoestima, beleza e cuidado na velhice**

Allana Salinet

Passo Fundo

2018

Allana Salinet

A mulher idosa no contexto da institucionalização: autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:
Profa. Dra. Marilene Rodrigues Portella

Passo Fundo

2018

CIP – Catalogação na Publicação

S165m Salinet, Allana

A mulher idosa no contexto da institucionalização:
autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice /
Allana Salinet. – 2018.

71 f.: il. color.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Marilene Rodrigues Portella.
Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
Universidade de Passo Fundo, 2018.

1. Envelhecimento. 2. Autoestima. 3. Idosos - Saúde e
higiene. 4. Velhice. 5. Cuidados com a beleza. I. Portella,
Marilene Rodrigues, orientadora. II. Título.

CDU: 613.98

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

"A mulher idosa no contexto da institucionalização: autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice"

Elaborada por

ALANNA SALINET

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
"Mestre em Envelhecimento Humano"

Aprovada em: 30/07/2018
Pela Banca Examinadora


Prof. Dra. Marlene Rodrigues Portella
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora - UPF/PPGEH


Prof. Dra. Helenice de Moura Scortegagna
Universidade de Passo Fundo - UPF/PPGEH


Prof. Dr. Iltonar Siviero
Instituto Superior de Filosofia Berthier - IFIBE


Prof. Dr. Vicente Paulo Alves
Universidade Católica de Brasília - UCB

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa, as alunas do Curso de Estética e Cosmética da ULBRA Carazinho, a minha família, colegas, em especial ao meu filho Leonardo Salinet e a todos que acreditaram e confiaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Depois de todo esforço e dedicação, manifesto meu agradecimento para as pessoas que mais me incentivaram e contribuíram para essa etapa da minha vida, em especial:

A Deus, por me dar forças para nunca desistir das coisas por mais difíceis que elas possam parecer.

Ao Vinícius, meu marido que sempre me apoiou e compreendeu a minha ausência, o cansaço e também o humor em algumas situações.

Ao Leonardo, meu filho querido que sempre entendeu as horas que não podíamos estar juntos e me incentivava com suas palavras de apoio.

A minha mãe e a minha “tia mãe” a Sissi, dedico minha conquista a elas, que sempre sonharam com o meu sucesso.

A Salete e a Roberta, que fazem parte da minha família e foram incentivadoras para que eu nunca parasse de me especializar.

A minha orientadora, professora Marilene Rodrigues Portella, por todo carinho e tempo que dedicou para o “nosso” sucesso e ter se disposto a compartilhar todo seu conhecimento e inteligência comigo. Obrigada de coração!

As voluntárias que contribuíram para realização do meu trabalho, confiando suas histórias e passagens da vida, verdadeiras lições que guardarei para sempre!

EPÍGRAFE

A nossa missão é fazer a beleza da alma resplandecer, quando a beleza do corpo envelhecer.

Juharez Alves

RESUMO

SALINET, Allana. A mulher idosa no contexto da institucionalização: autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice. 71 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

O envelhecimento e imagem corporal, juntamente aos conceitos de beleza, são questões abordadas nas investigações atuais. A sociedade contemporânea dita valores prezando pela juventude, princípios em relação ao corpo, que ao envelhecer para algumas mulheres podem ocasionar sofrimento e decréscimo da autoestima. O presente estudo teve como objetivo geral investigar vivências de mulheres institucionalizadas em relação ao cuidado da aparência pessoal, autoimagem e autoestima, e, ainda conhecer o significado de beleza na percepção da mulher idosa institucionalizada. Trata-se de um estudo exploratório descritivo de abordagem qualitativa. Os critérios de inclusão instituídos foram idosas com idade de 60 anos ou mais, residentes em Instituição de Longa Permanência que atenderam ao critério de apresentar condição de compreensão a comunicação verbal, e ter frequentado o projeto “Oficina de Beleza”. Como critérios de exclusão foram estabelecidos idosas com demências graves, déficit sensoriais que impossibilitasse a fala e comunicação. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, amparada de roteiro temático. O local de residência na velhice proporciona recordações de histórias, memórias e situações que fizeram parte do decorrer da vida de cada idosa. A vivência em uma Instituição de Longa Permanência, por sua vez, precisa de adaptação devida às diferenças nas relações sociais estabelecidas anteriormente no seu histórico de vida. Os resultados da pesquisa apontam que as idosas institucionalizadas se depararam com baixa autoestima, uma vez reconhecidas inseridas em um ambiente não mais propício ao cuidado. As percepções de si são de perda da juventude associada à perda de beleza, características consideradas únicas e típicas de jovens, recordadas aos tempos de outrora. Observa-se a necessidade de profissionais da saúde em Estética resgatar a autoestima e proporcionar a essas mulheres melhores condições de cuidados no intuito de desenvolver a identidade pessoal e o processo de envelhecer como parte integrante da vida.

Palavras-chave: 1. Imagem. 2. Beleza. 3. Autoestima. 4. velhice.

ABSTRACT

SALINET, Allana. **The elderly woman in the context of institutionalization:** self image, autoesteem, beauty and care in old age. 71 f. Dissertation (Masters in Human Aging) – University of Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

Aging and body image together with beauty concepts are issues addressed in current investigations. The contemporary society dictates values for youth, principles in relation to the body, that when ageing for some women can cause suffering and decrease of self-esteem. The general objective of this study was to investigate the experiences of women institutionalized in relation to the care of personal appearance, self-image and self-esteem, and, still know the meaning of beauty in the perception of the institutionalized elderly woman. This is a descriptive exploratory study of qualitative approach. The inclusion criteria imposed were elderly aged 60 years or older, resident in a long-term institution, who attended the criterion of presenting a condition of understanding verbal communication and having attended the project "Beauty Shop". As exclusion criteria were established, elderly with severe dementias, sensory deficits that prevented speech and communication. The data was collected through a half-structured interview, with a thematic roadmap. The place of residence in old age provides souvenirs of stories, memories and situations that have been part of the life of each elderly woman. The experience in a long-standing institution, in turn, needs adaptation due to the differences in social relations previously established in its life history. The results of the research point out that institutionalized elders have come across low self-esteem, once recognized inserted in an environment no longer propitious to care. The perceptions of themselves are of loss of youth associated with loss of beauty, characteristics considered unique and typical of young people, remembered to the times of the past. It is observed the need for health professionals in aesthetics to redeem self-esteem and to provide these women with better care conditions in order to develop personal identity and the process of aging.

Key words: 1. Image. 3. Self steem. 2. Beauty3. Self steem. 4. Age.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1	<i>Autoimagem e Autoestima.....</i>	13
2.2	<i>Beleza na Velhice.....</i>	16
2.3	<i>A mulher idosa e a Institucionalização.....</i>	17
3	PRODUÇÃO CIENTÍFICA I.....	20
3.1	<i>Introdução.....</i>	21
3.2	<i>Metodologia.....</i>	23
3.3	<i>Resultados e Discussão.....</i>	26
3.3.1	<i>Categoria 1. A beleza está na juventude, na velhice há a feiura.....</i>	26
3.3.2	<i>Categoria 2. Reminiscência de momentos de cuidados: tempos de outrora.....</i>	33
3.3.3	<i>Categoria 3. Aqui neste lugar se arrumar para quê? Para quem?</i>	36
3.3.4	<i>Categoria 4. As mãos que agarram o sopro da identidade.....</i>	40
4	<i>Considerações Finais.....</i>	43
5	<i>Referências Bibliográficas.....</i>	44
4	PRODUÇÃO CIENTÍFICA II.....	49
4.1	<i>Introdução.....</i>	50
4.2	<i>Metodologia.....</i>	50
4.3	<i>Resultados e Discussões.....</i>	52
4.3.1	<i>Fragmentos de vida de Dona Flor.....</i>	52
4.3.2	<i>Feminilidade e Gênero, uma construção sociocultural.....</i>	54
4.3.3	<i>O envelhecimento feminino e os aspectos sociais.....</i>	56
5	<i>Considerações Finais.....</i>	59
6	<i>Referências Bibliográficas.....</i>	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento faz parte de um processo natural, cronológico e que deve ser vivenciado sem receios. Observa-se atualmente o crescimento na expectativa de vida e aumento na longevidade, paralelamente, a valorização das características de imagem e beleza da juventude atribuindo por vezes desvalorização aos idosos.

O corpo e a auto percepção corporal fazem parte de uma forma de comunicação, refletem ideias e emoções, traduzindo uma imagem cercada de fatores psicológicos e sociais. A imagem corporal faz parte de um aspecto interno capaz de construir a autoestima de forma positiva ou negativa. É importante salientar que esta imagem, assim como a velhice, arquitetada internamente, também é socialmente construída. Deste modo, é necessário entender que as vivências que cada indivíduo ao longo da vida irá constituir, serão aspectos fundamentais para a construção da sua imagem e autoestima.

Em virtude do exposto instigou-se realizar essa pesquisa com idosas institucionalizadas, partindo da premissa de que ao frequentarem um espaço de beleza estão à procura de um cuidado da aparência pessoal, e, para tanto, existe um sentido nessa procura.

O interesse em realizar o estudo parte do fato de que a pesquisadora na vivência profissional, de longo tempo formada e atuante da área de estética, percebe-se que a maior parte das mulheres, por vezes, procuram locais de “cuidado de beleza” para cuidar da aparência pessoal, mas também aproveitam o momento para socializar suas angústias, para conversar sobre passagens da vida e partilhar experiências, circunstâncias nas quais se sentem à vontade para se expressarem.

O momento de cuidado da aparência pessoal, por vezes, pode suscitar reminiscências de suas vivências, como também pode revelar como essas mulheres viveram os processos socializadores diversos em sua trajetória de vida, por mais que tenham, no processo de envelhecimento, experiências que sejam ou aparentem ser comuns à condição etária, a condição de institucionalização enseja experiências, sentidos e significados distintos, o que pode influenciar também a forma de como a mulher idosa percebe e vivencia sua velhice. Frente ao exposto, este estudo teve por objetivo investigar vivências de mulheres institucionalizadas em relação ao cuidado da aparência pessoal, autoimagem e autoestima, e, conhecer o significado de beleza na percepção da mulher idosa institucionalizada. Os resultados são apresentados na forma de um manuscrito, o qual será enviado para publicação após a apreciação e consideração dos pareceres da banca examinadora.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *Autoimagem e Autoestima*

A temática da imagem corporal, em grande parte, está ancorada nas produções do médico pesquisador Schilder. Paul Schilder em 1935, referiu a obra sobre a natureza individual da imagem corporal, confirmada pela sua preferência no diálogo com a Psicologia, a Psicanálise e a Filosofia, numa época em que as Ciências Sociais ainda buscavam se constituir enquanto disciplinas autônomas através da ênfase na coletividade (SCHILLING, 1994).

Conhecedor das áreas da fisiologia, anatomia, filosofia, sociologia e psicologia, o autor apresenta a imagem como multidimensional dinâmica e vinculada à identidade do indivíduo e assim conceitua:

O esquema do corpo é a imagem tridimensional do mundo, corpo e mente que todos têm de si mesmo. Podemos chama-la de imagem corporal. Esse termo indica que não estamos tratando de uma mera sensação ou imaginação, existe uma percepção do corpo. Indica também que, embora nos tenha chegado através dos sentidos, não se trata de uma mera percepção. Existem figurações e representações mentais envolvidas. Mas não é uma mera representação (SCHILDER, 1994, p.11).

Ainda segundo Schilder (1999) um simples toque ao corpo está ligado à identidade e à história de vida do indivíduo, quando recebemos impressões dos órgãos, impressões táteis, térmicas e de dor, estão envolvidas no processo de figuras e representações mentais, uma estrutura se liga a outra, ocorrendo na estrutura neurológica.

Dolto (2004) institui o esquema corporal do indivíduo enquanto representante da espécie humana, permanente e inconsciente em que se origina seu desejo independente do estilo e condições de vida, porém a imagem corporal sim, ligada às experiências vivenciadas.

Schilder (1999) aponta que construímos e reconstruímos a imagem constantemente e ainda ressalta que os aspectos mentais, sociais e afetivos influenciam na construção e reconstrução da imagem corporal, com tendência a rupturas e reestruturações.

A imagem corporal é ampla e não pode ser entendida somente pelo aspecto visual, sendo que o corpo também sente, percebe e vivencia, desta forma construída pelo histórico de toda vida. Segundo Tavares (2003), é preciso elucidar o significado de “corpo”, que apresenta diversas formas de abordagem onde cada indivíduo conceitua seu próprio significado.

Tavares (2003) descreve que a imagem corporal deve ser compreendida como um fenômeno singular, estruturado no contexto da experiência existencial e individual do ser humano. Schilder (1999) completa propondo que, a diferença entre nosso corpo e o corpo dos outros é tão indeterminada quanto aquela entre nosso corpo e os objetos que o cercam.

Para Menezes et al. (2013), a imagem corporal é um conjunto de fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos associados às mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento, torna-se importante verificar como os indivíduos compreendem essas mudanças, como ocorre a influência e a intervenção da imagem corporal na vida. Os autores ainda relatam que esta percepção é a representação mental do próprio corpo, a influência pode modificar a saúde geral, interferindo nos aspectos da concepção da imagem corporal do idoso.

No que se refere a autoestima, Rosenberg (1965) define como avaliação que o indivíduo faz de si próprio, expressando em atitude positiva ou negativa. A autoestima elevada faz com que o indivíduo tenha valor e sentimentos positivos sobre si. Neste sentido, baixa autoestima é acarretada pela diminuição, resultado de autoavaliação negativa.

Hutz e Zanon (2011) referem que o conjunto de sentimentos e pensamentos possuem relação com a autoestima, a qual pode ser positiva ou negativa. Schultheisz e Aprile (2015) concordam que o conjunto de valores positivos ou negativos que o indivíduo faz de si próprio corresponde à valorização intrínseca da autoestima, refletindo em como as pessoas aceitam a si próprias, projetam suas expectativas e valorizam o outro. A satisfação ou insatisfação com as situações vivenciadas está correlacionada com a autoestima, à manifestação positiva faz com que o indivíduo sintase confiante e competente.

Maçola, Vale e Carmona (2009) afirmam que a autoestima inicia a ser construída na infância, e que pode ser considerada como um valor em relação a si mesmo. Para Schultheisz e Aprile (2015) as relações da família desempenham papel fundamental na formação e aceitação que os indivíduos têm de si, desenvolvendo no indivíduo baixa autoestima ou autoestima elevada.

O conceito de autoestima é a maneira que o indivíduo gosta de si próprio, decorre do quanto o indivíduo sente-se em relação a ele mesmo, autoconfiante ou fracassado (SCHULTHEISZ; APRILE, 2015). Conforme Hutz e Zanon (2011) o reconhecimento positivo e aceitação social surge através da autoestima elevada, e estas são significativas para o indivíduo.

2.2 *Beleza na Velhice*

No decorrer dos anos o conceito de corpo saudável ou belo tem passado por transformações. Até o começo do século XX, a mulher era considerada bela quando tinha o corpo com evidências nos quadris, coxas, barriga e mamas. No período pré-industrial, a mulher com peso excessivo representava uma mulher forte e com garra (BOSI, 2003; ALMEIDA et al., 2005).

Ao longo do século XX, a partir da década de 1960, esse ideal de beleza vem sendo modificado, observa-se a busca pelo corpo magro, atlético e com formas definidas que passam a constituir objeto de consumo, perante uma vasta oferta de produtos e serviços em um mercado em grande crescimento, o que se observa até os dias atuais (FERRIANI et al., 2005; BOSI, 2003).

A percepção do processo de envelhecimento é reconhecida de forma diferente entre os indivíduos, onde cada pessoa refere o envelhecer como fato desgastante e outras sem tamanha importância. Entretanto é perceptível que cada vez mais as mulheres procuram retardar esta fase da vida. As mudanças e transformações que se observa como maior incômodo para as idosas, estão relacionadas à aparência física, a imagem refletida no espelho, cabelos brancos, rugas, corpo contraído e muitas vezes acometidos pela deficiência na saúde (FERREIRA; SIMÕES, 2011).

Conforme Schneider e Irigaray (2008), mesmo com tantas tecnologias, o envelhecimento ainda é razão de medo por muitas mulheres, visto como uma etapa desagradável da vida por medo de perder a beleza.

Para Goldenberg (2010), no que confere aos aspectos físicos, o que inclui a aparência pessoal, o envelhecimento parece um problema na cultura brasileira, em que o corpo é percebido como um capital, o que explica os elevados números

pela procura por procedimentos estéticos pelas mulheres maduras com objetivo de parecerem mais jovens.

Nesse alinhamento, Fin et al. (2015), ao estudar a percepção de mulheres sexagenárias sobre a beleza corporal ressalta que as mesmas reconhecem entre seus pares a procura por tratamentos invasivos e os procedimentos cosmetológicos. Todavia, há um entendimento de muitas existem mulheres que aceitam naturalmente as mudanças corporais advindas do envelhecer.

A aparência corporal, na percepção de muitas mulheres idosas reforça o padrão cultural da sociedade, se há um enaltecimento da magreza e a juventude, a obesidade será considerada um incômodo e os sinais de declínio e perda do vigor da pele, que fogem ao padrão de beleza, serão observados como a fealdade (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017). Beleza e bem-estar não são limitados a uma determinada faixa etária idade, entretanto a construção da autoimagem e autoestima na velhice sofrem influencia do contexto sociocultural.

2.3 A mulher idosa e a Institucionalização

Os cuidados às pessoas idosas devem estar relacionados às várias dimensões de sua vida, levando em consideração os aspectos pessoais, familiares, econômicos e sociais desses indivíduos. As instituições de longa permanência para idosos (ILPI), no contexto atual, podem ser consideradas uma alternativa que as pessoas escolhem para viver, ou uma opção encontrada pelas famílias em função das demandas quando a complexidade do cuidado aumenta, para além das possibilidades (LINI et al., 2014).

Situações como a solidão, a perda dos contatos familiares e sociais, a carência de recursos econômicos ou de suporte social e a perda de autonomia, seja

pela incapacidade ou dependência, são algumas das razões da institucionalização da pessoa idosa (CHRISTOPHE; CAMARANO, 2010).

Estudo caso-controle com idosos indicam que os fatores relevantes que predispoem a institucionalização de idosos são a ausência de cônjuge, não possuir filhos, apresentar sintomas sugestivos de demência e dependência para as atividades básicas de vida diária (LINI; PORTELLA; DORING, 2017).

Nas ILPI, a porcentagem de mulheres é maior que a de homens, o que pode ser explicado por diversos fatores – maior longevidade da mulher, menor índice de casamentos após a viuvez, uma tendência maior a se tornarem dependentes com uma renda insuficiente, para se sustentarem no domicílio (BESSA et al., 2012).

A institucionalização pode ser uma experiência traumatizante e despersonalizante, para algumas pessoas (RISSARDO et al., 2012). Entretanto, o estudo de Bessa et al., (2012) com mulheres observou que as idosas conseguem reestruturar suas vidas. O estudo de Pavan, Meneghel e Junges (2008) alerta que, embora muitas idosas institucionalizadas tentem construir estratégias e meios para enfrentar a velhice e a institucionalização, o tempo livre é em grande parte consumido pelas poucas ofertas de lazer, como assistir à televisão. Existem aquelas que, pelas condições físicas e cognitivas preferem sair para passeio quando desejam.

Estudos sobre a institucionalização de mulheres (CARLI et al., 2011) revela que as mulheres idosas apresentam sentimentos de mágoa ou revolta diante da decisão da família, embora relatassem ter um bom relacionamento familiar antes da institucionalização. No entendimento de muitas mulheres, após a institucionalização a continuidade dos vínculos familiares foram rompidas, o que alerta para a função do espaço institucional, como apenas um lugar de provisão de

cuidados para a saúde e alimentação, desprovido dos laços afetivos e de pertencimento familiar.

O fato de as mulheres viverem em uma ILPI não é necessariamente uma experiência negativa, no entanto, por se tratar de uma condição definitiva, viver por longo período sem companhia de parentes ou de pessoas amigas predispõe ao isolamento, à solidão e o agravamento de problemas físicos e mentais (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013).

Destarte, percebe-se que a institucionalização pode comprometer a autoestima e a autoimagem dos residentes por sentirem-se desprovido de interações significativas.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I

Autoimagem, Autoestima e Beleza na perspectiva da Mulher Idosa Institucionalizada

Resumo

O presente estudo teve como objetivo investigar vivências de mulheres institucionalizadas em relação ao cuidado da aparência pessoal, autoimagem e autoestima, e, ainda conhecer o significado de beleza na percepção da mulher idosa institucionalizada. Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva de abordagem qualitativa. Participaram treze mulheres, com idade de 60 anos ou mais, residentes em Instituição de Longa Permanência, que atenderam ao critério de apresentar condição de compreensão a comunicação verbal, e ter frequentado o projeto “Oficina de Beleza”. Como critérios de exclusão foram estabelecidos: idosas com demências graves, déficit sensoriais que impossibilitasse a fala e comunicação. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, apoiando-se de roteiro temático. Os resultados indicam que a maneira, aceitação ou não de como é percebido o processo do envelhecimento, coexiste na formação da autoestima. Foram observadas compreensões negativas no que se descreve a autoimagem, com ênfase aos sinais de velhice. Ainda, as idosas confrontam à perda da beleza no avanço da idade reforçando o estigma negativo do envelhecimento presente na sociedade. Pertencentes à um contexto social enquanto institucionalizadas, é relevante o pensar na autoestima, nos cuidados e na percepção de beleza na velhice, bem como no resgate de uma identidade quase esquecida.

Palavras-chave: Estima. Beleza. Velhice.

Abstract

The objective of this study was to investigate the experiences of women institutionalized in relation to the care of personal appearance, self-image and self-esteem, and, still know the meaning of beauty in the perception of the institutionalized elderly woman. It is a research of the descriptive exploratory type of qualitative approach. Thirteen women were involved, aged 60 years or older, resident in a long-term institution, who attended the criterion of presenting a condition of understanding verbal communication, and having attended the project "Beauty Shop". As exclusion criteria were established: elderly with serious

dementias, sensory deficits that prevented speech and communication. The data was collected through a half-structured interview, supporting the thematic roadmap. The results indicate that the way, acceptance or not of how the process of ageing is perceived, coexists in the formation of self-esteem. Negative understanding was observed in the description of the Autoimage, with emphasis on the signs of old age. Still, the elderly confront the loss of beauty in advancing age by reinforcing the negative stigma of aging present in society. Belonging to a social context while institutionalized, it is relevant to think about self-esteem, care and perception of beauty in old age, as well as in the rescue of an almost forgotten identity.

Key words: Image. Beauty. Age.

3.1 Introdução

O processo de envelhecimento faz parte de investigação que as pessoas cultuam desde o início da civilização a "busca pela eterna juventude". Permanece um interesse voltado com a relação velhice, beleza e autoestima. A reprodução da imagem para o idoso é uma experiência pessoal, desenvolvida através das percepções de sentimentos sobre si, com influência do meio social, de forma que o corpo participa da adequação do indivíduo ao meio que está inserido.

Moura e Souza (2012) discutem a autoestima dos idosos como um desafio para os profissionais das múltiplas áreas do conhecimento que atuam com estes indivíduos e para as pessoas que estão em processo de envelhecimento.

As atitudes, crenças e valores que estabelecem a autoestima, tanto quanto constroem a sua percepção sobre a velhice e a beleza, fazem parte de fatores intrínsecos do ser humano, ou seja, referem-se às características psicológicas, emocionais, culturais, entre outras. Assim, ao abordarmos as questões da imagem corporal na velhice, é possível que se observe o quanto o contexto social influencia

no comportamento e na forma como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros (SCHILDER, 1999).

A auto percepção do corpo envelhecido, o belo, vantagens ou desvantagens femininas ao que se refere à velhice, ocorrem pelo fato da cultura que a mulher carrega durante toda a vida, sua identidade pessoal e a imagem, de modo que o reconhecimento do envelhecer pode ser considerado doloroso por algumas mulheres podendo causar sofrimento com repercussões no decréscimo da autoestima (SILVA et al., 2012).

O momento de cuidado da aparência pessoal e a reflexão sobre o que é beleza, por vezes, suscitam reminiscências de vivências, como também revelações de como as mulheres idosas viveram os processos socializadores diversos em sua trajetória de vida. Por mais que tenham, no processo de envelhecimento, experiências que sejam ou aparentem ser comuns à condição etária, a condição de institucionalização enseja experiências, sentidos e significados distintos, o que pode influenciar também a forma de como a mulher idosa percebe e vivencia sua velhice.

Se o corpo representa experiências e etapas de vivências adquiridas ao longo do tempo percorrido e o local inserido participa desta construção, entretanto, como está a percepção da autoestima em idosas institucionalizadas frente à sua imagem atual? Como a idosa institucionalizada considera o significado de beleza?

O presente estudo teve como objetivo investigar vivências de mulheres institucionalizadas em relação ao cuidado da aparência pessoal e autoestima e ainda conhecer o significado de beleza na percepção da mulher idosa institucionalizada.

3.2 Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva de abordagem qualitativa. A seleção de abordagem da metodologia qualitativa se relaciona conforme Minayo (2010) à condição das perspectivas para compreensão da conexão interna de grupos, instituições e atores sobre os valores culturais e as representações sobre sua história e temas particulares, as relações entre os indivíduos, instituições e ainda os movimentos sociais.

O presente trabalho se constitui como um subprojeto da pesquisa maior intitulada “Padrões de Envelhecimento e Longevidade: aspectos biológicos educacionais e psicossociais” o qual recebeu fomento do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica-Procad/Capes- Edital PROCAD Nº 71/2013.

Fizeram parte da amostra treze mulheres com idade entre 60 e 87 anos, solteiras e viúvas, com diferentes níveis de escolaridade e socioeconômico, residentes em instituição de longa permanência na cidade de Carazinho, situada no norte do estado do Rio Grande do Sul.

O número de participantes deu-se em razão do delineamento do estudo e dos critérios de inclusão: Mulheres idosas, com idade de 60 anos ou mais, residentes em Instituição de Longa Permanência, com condição de compreensão a comunicação verbal e frequentadoras do projeto “Oficina de Beleza”. Já, o que se alude aos critérios de exclusão foram estabelecidos: Idosas com demências graves, déficit sensoriais que impossibilitasse a fala e a comunicação.

O período de coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2017. Para responder ao objetivo proposto do estudo os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. Sucederam três entrevistas com cada mulher idosa participante do estudo, apoiando-se de roteiro temático totalizando 12 encontros.

Tal estratégia foi adotada de modo que a entrevista fosse conduzida em profundidade. Entrevista demanda tempo e para facilitar a espontaneidade da pessoa idosa entrevistada faz-se necessário então: evitar interrompê-la enquanto ele fala; respeitar os momentos de silêncios e de verbalização, de modo que cada pessoa possa encadear as ideias por si mesmo. Ainda, na entrevista em profundidade com idosos, muitas vezes temos de utilizar técnicas de reformulação do objetivo ou mesmo explicitar ou esclarecer os temas em discussão.

Desse modo, conduzir a entrevista em momento único é inviável, por isso a decisão de um tempo prolongado para evitar desconforto ou cansaço à pessoa idosa. A entrevista semiestruturada, comportando as devidas adequações para exploração em profundidade, seguiu as recomendações de Poupart (2008). Para tanto foi estruturada em duas partes. Parte I- Caracterização das participantes, cujos dados foram extraídos do bloco B e bloco G do formulário da pesquisa maior. Parte II- composta por duas perguntas abertas para nortear o diálogo na entrevista. A) Fale sobre a sua participação na “Oficina da Beleza” (quais os motivos que lhe levam a participar desta oficina, como se sente em relação ao cuidado da aparência pessoal nesta vivencia). B) O que significa para senhora esses momentos de encontro de cuidado da aparência (expectativas, o que mais gostou, o que mais chama atenção, como se sente mediante ao espaço de cuidado, o que é beleza para a senhora).

O tempo de entrevista foi variável atendendo às condições singulares das participantes, ocorrendo em um período de no mínimo 30 minutos e no máximo de 90 minutos. A mesma foi realizada na própria instituição em uma sala privativa designada pela responsável administrativa.

Os relatos, que compõem as experiências do vivido foram registrados em áudio, transcritos e o material submetido à análise de conteúdo (BARDIN, 2016), mais especificamente, a análise temática. A análise temática incide na descoberta

dos centros para compor uma comunicação, cuja presença ou frequência denotem algo para o objetivo visado. Essa técnica estabelece uma análise de unidade de registro em busca de definições que deliberem os dados coletados.

Sua operacionalização ocorre em três etapas. Na primeira etapa caracterizada como pré-análise nesta fase, realizada a tarefa de escolha dos documentos analisados e confrontados com os objetivos da pesquisa. No desenvolvimento desta fase foram compreendidas leituras flutuantes, que compõe um contato detalhista e repetitivo com material coletado. Seguido da constituição do Corpus, que obedece à organização do material, de maneira que responda a algumas normas de validade. Foi utilizada norma de validade da pertinência como modelo de organização, cujos conteúdos considerados respondessem ao objetivo do trabalho, que neste sentido é investigar as vivências de mulheres institucionalizadas em relação ao cuidado da aparência pessoal e autoestima e ainda conhecer o significado de beleza na percepção da mulher idosa institucionalizada. Neste período, foi determinado a unidade de registro, unidade de texto, recortes, categorização, modalidade de codificação e conceitos teóricos que nortearam a análise.

Na segunda fase da análise que corresponde à exploração do material, constitui-se em codificar os dados obtidos em fase anterior, agrupando-os de forma a construir categorias.

A terceira fase compreende o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. O resultado foi apontado para análise com a perspectiva de Bardin (2016), da interpretação de temas e da saturação de dados, posteriormente conferidos com referencial teórico. O trabalho desenvolvido com categorizações, compreendem elementos e aspectos com propriedades comuns ou que se comunicam entre si, denominadas categorias ou classes. Essa conduta de entendimento refere-se a todas as formas de pesquisa qualitativa.

As dimensões éticas para a pesquisa que envolve os seres humanos, segundo os termos da Resolução 466/2012 foram respeitadas de modo que todos os participantes tomaram ciência e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservar o seu anonimato, nos fragmentos de fala, foi atribuído o codinome de estrelas.

3.3 Resultados e Discussões

O sentido de beleza associada à juventude e de feiura à velhice permeia a fala das mulheres idosas participantes deste estudo. Diante das manifestações das mulheres idosas apreendeu-se como beleza, autoimagem e autoestima, quatro categorias temáticas: Categoria 1. A beleza está na juventude, na velhice a feiura; Categoria 2. Reminiscências de momentos de cuidados: tempos de outrora; Categoria 3. Aqui neste lugar se arrumar para quê? Para quem? E, ainda: Categoria 4. As mãos que agarram o sopro da identidade.

3.3.1 Categoria 1. A beleza está na juventude, na velhice há a feiura.

Nas palavras das mulheres idosas, chama atenção a concepção de que a beleza é reservada à juventude e, em consequência, a velhice está destinada à feiura. Desta forma, remetem-se a impressão de que ficam feias conforme o passar dos anos, porém, percebe-se, que estão mencionando especialmente sua dimensão física e social:

“Eu me acho mais ou menos, mais feia do que bonita, eu to velha, quando era nova ali pelos 18 anos, eu era bonita.”

Meissa

“eu to velha, a pele começou a despencar, o cabelo começou a branquear, me olho no espelho só para pentear o cabelo, com o tempo passa e a gente fica mais cansada, eu não gosto mais de

me arrumar, porque passa um pó no rosto e parece uma barata descascada”

Zaniah

“Quando eu era jovem sim, toda a vida, gostava de me arrumar para ir nos bailes, mas agora já to velha pra isso.

Alcione

A fala de Zaniah nos remete a perspectiva de beleza enquanto aspecto físico, exaltado com ênfase pelas mulheres idosas, como uma característica que vem a memória, reportando-se aos tempos da juventude. Ao se depararem com o questionamento confrontam à perda da beleza no avanço da idade e assim, reforçam o estigma negativo do envelhecimento presente na sociedade. Ao falar de envelhecimento é preciso observação dos aspectos culturais, políticos e econômicos, relativos aos valores, preconceitos e sistemas sociais. Os fatores socioculturais determinam o olhar da sociedade com as mulheres idosas.

A importância da compreensão da mulher idosa sobre seu processo de envelhecer é diretamente proporcional à importância que a sociedade possui ao assunto, em que de forma consciente ao que se refere ao processo de envelhecimento, as pouparia de preconceitos e marginalização, o que frequentemente ocorre nos dias atuais (FERREIRA; SIMÕES, 2011).

Freire e Tavares (2006) ainda complementam relatando que, a pressão social significa a negação da velhice como tal. A ressalva que se faz é, mesmo com a expansão de possibilidades com a vivência da feminilidade, ainda se percebe dificuldades e conflitos enfrentados pelas idosas.

Ultrapassaram tabus, os quais lhes acompanharam por muitos anos, mas ainda carregam a presença de um sentimento de culpa por se encontrarem contrariando expectativas e demandas da sociedade (RODRIGUES; JUSTO, 2009).

Ao analisar as palavras de Meissa e Alhena, a feiura parece revelar-se natural no processo de envelhecimento, assim como nas suas relações sociais, a ideia de velhice e beleza lhe são incompatíveis nesse conjunto, observe as expressões que seguem:

“Agora eu to horrível de feia, quando eu era jovem sim, toda a vida gostava de me arrumar para ir nos bailes, e eu fui a muitos, ia sempre, era tão bom...”

Meissa

“Eu me achava, me arrumava para ir nas bailanta, minhas netas me arrumavam me deixavam novinha, agora to velha.”

Alhena

As falas de Meissa e Alhena nos remetem à história da *Branca de Neve e os Sete anões*, a bela jovem é a protagonista do conto, em todo auge de sua adolescência e exaltada por muita suavidade e bondade. O lamento se centra na perda da juventude. A valorização da potencialidade da mocidade em prejuízo do potencial da idade avançada e da velhice é atribuída à própria cultura, no entendimento de Lopes, Arantes e Lopes (2007) em que elucidam a supervalorização do potencial da juventude em detrimento da velhice, de forma que em idades mais avançadas são, em decadência e ainda identificado pelas próprias idosas como feiura.

Os relatos corroboram com estudo realizado por Silva, Cachioni e Lopes (2012) que demonstrou que as mulheres, em geral, apresentam maior preconceito

e compreensões negativas no que se descreve às imagens, com ênfase aos sinais de velhice, destacavam rugas, cabelos brancos, manchas da pele e outros sinais da velhice não encontrados antes na juventude.

A construção da imagem corporal é ampla, o corpo também sente, percebe e vivencia. Através do corpo que se manifesta a capacidade de produção da história de vida, onde as experiências são representadas pelas vivências corpóreas (FERREIRA; SIMÕES, 2011).

Ao longo da vida os estereótipos do envelhecimento são criados e incorporados internamente contribuindo para a formação da auto percepção sobre o envelhecimento. A imagem negativa que, ainda, persiste na sociedade em relação a pessoa idosa faz com que envelhecer se torne um problema. O corpo envelhecido, pode ser percebido pelo indivíduo como algo depreciável. Os valores socioculturais, como uma questão pragmática permeiam o curso da vida, assim como, os mitos e os estereótipos, condicionam o comportamento da pessoa idosa, influenciando a sua maneira de pensar e de ver a si próprio. Desta forma, podem produzir efeitos negativos de incapacidade e inutilidade (NELSON, 2002).

Ao considerarmos as respostas sociais, sob o aspecto do belo e o do feio, observamos que desde a infância é inculcido inconscientemente que a velhice está ligada à feiura, portanto, ao desprezo, propiciando essa imagem negativa do envelhecimento e um sentimento de rejeição.

Umberto Eco (2014) recomenda uma revisão estética para discussão e reformula a maneira de se entender o belo, logo, o feio. Para o autor, a apreensão com o belo desata-se das formas que ele pode, ou não adotar e volta-se para o resultado que ele deve causar. O feio não é elemento de admiração e de prazer estético, logo a velhice, enquanto feiura é um acontecimento desprezível. Esta, na aparência física é real e causa repulsa e distanciamento. Nesse alinhamento Coacci

e Santos (2017) referem que a feiura, não é apenas uma questão de gosto, uma questão particular que desvenda múltiplas hierarquias da sociedade, em outras palavras, reflete a rendição à pressão social.

Estudos brasileiros, com mulheres não institucionalizadas, que investigaram a percepção das idosas, sobre beleza e envelhecimento, apontaram que as mulheres com 60 anos ou mais consideram que o belo está ligado à aparência, à boa apresentação de si, à sua saúde e atitudes pessoais como simpatia e cordialidade. Para permanecerem bonitas, procuram cuidar da aparência adotando práticas como tingimento do cabelo, cuidado da pele e do corpo como cremes e outros recursos cosmetológicos (KOWASLKI et al., 2017; FIN et al., 2015).

“Quando eu era jovem era tão bonita, ia nas festas, era feliz...”

Sirius

A fala de Sirius ao relatar :“eu era bonita na juventude”, ... e ao dizer que, por isso, se sentia feliz, ilustra uma autoestima rebaixada e uma imagem corporal negativa reforçando o estigma da velhice como a decadência, o que a nossa cultura ostenta, uma mulher que permanentemente reforça os arquétipos, a imagem de mulher associada à beleza, saúde e juventude, evidenciando assim, a negação do processo natural do envelhecimento.

Vale destacar que as mulheres são as principais responsáveis pelas alterações da imagem na velhice (BLESSMANN, 2004), pois se a preocupação com a imagem reforça os valores da juventude, o que advém com a velhice é o estranhamento, assim Mucida (2006) salienta que a estranheza da imagem está no reflexo que carrega uma distorção quanto à imagem observada e não representa realmente o que somos, somente uma representação imaginária possibilitando o aparecimento de algo que não se quer ver, algo particular para si próprio.

Se observa que as mulheres idosas, deste estudo, expressam a insatisfação com a aparência e as formas do corpo. O corpo envelhecido congregado à condição de incapacidade se manifesta na fala de Meissa. Algumas, por estarem em condições de cadeirante sofrem ainda com as modificações impostas pelo uso contínuo do equipamento, como se percebe na declaração:

“nessa cadeira de rodas fiquei quadrada, engordei muito, velha e gorda...”.

Meissa

A imagem corporal, pode estar relacionada com o que expõe Ferreira e Simões (2011), diante de todas as imposições sociais já citadas anteriormente, o corpo do idoso o qual já não apresenta mais a estrutura e o padrão proposto, sente-se referido como excluído do contexto seguido de “incompetência” corporal, onde a imagem se distancia da imagem real com a de corpo ideal. Desta forma, alguns idosos sofrem com a dificuldade de aceitação da imagem, do uso de equipamentos, de maneira que para muitos ocorre a não aceitação da aparência não mais jovial, não assumindo a nova realidade do corpo.

“Quando eu era criança me chamavam de “tacho de banha” no colégio, eu sempre fui baixa e gorda, mas na família pouca gente era gorda, acho que só eu mesmo (risos), tive um irmão que depois de fazer tratamento para uma doença do fígado engordou”.

Nashira

“ah eu já fui mais bonita, agora to muito gorda, depois que fiquei velha fiquei muito gorda”.

Rígel

“a gente fica velha e vira umas velhas gordas...(risos)”.

Maia

O “jovem e belo” versus o “velho e feio”, é um conceito que não abarca somente o aspecto cronológico, possui também, algo relacionado ao valor social atribuído ao aspecto físico na atualidade, ou seja, a relação entre “magro e belo” gordo e feio, valorizada pela fala vigente da busca do corpo ideal.

A percepção da imagem corporal, em especial, de Rígel e Maia traduz o autoconceito sobre o julgamento que elas apresentam diante da fase em que vivem (a velhice), o seu tamanho, forma e peso. Muitos sentimentos são envolvidos nesta interface da aparência corporal na velhice, Nashira, porém, destaca a insatisfação e a depreciação desde a infância. Em todas as fases da vida o corpo sofre mudanças e alterações, biológicas e psicológicas, porém no envelhecimento, um conjunto de modificações orgânicas acometem principalmente as mulheres, mudanças essas, influenciadas, muitas vezes, por questões hormonais.

Caluête et al. (2015), ao estudar a percepção da imagem corporal e autoestima de mulheres idosas não institucionalizadas, embora utilizando outra metodologia, corrobora os resultados deste estudo, ao apontar que o excesso de peso gera insatisfação com seu próprio corpo e uma percepção da autoimagem corporal insatisfatória.

A imagem de “corpo perfeito” promove uma negação a mais para a população idosa, pois se o corpo considerado bom e ativo é caracterizado como jovem e belo, o velho está fora do estereótipo e, logo, avaliado inapto ao desempenhar as atividades corporais (SIBILIA, 2011).

Uma sociedade que valoriza o modelo de corpo magro, satisfazendo ao padrão de beleza, sobrepeso e obesidade motivam constrangimento, ademais

reforça conforme Silva et al., (2012) que o desenvolvimento do sentimento de inferioridade por vezes se atribui como uma das bases de sustentação de padrões, os quais quando inatingíveis desenvolvem baixa autoestima.

Estar acima do peso é considerado incômodo, uma distinção que não se pode ocultar, que foge à beleza, declarada como feia. Percepções sobre o excesso de peso são reforçadas através de rejeição social e até mesmo dentro da ILPI (REZENDE; COELHO, 2010). A vergonha expressada está na interpretação que as mulheres fazem da situação de seus corpos em comentários da família, reforçando o estigma que colabora para o rebaixamento da autoimagem. Schilder (1999) aponta em seus estudos que os aspectos mentais, sociais e afetivos influenciam na construção e reconstrução da autoimagem, construímos e reconstruímos a imagem constantemente.

Neste conjunto corrobora o estudo realizado por Fin e Rodrigues (2014), enfatizando que as mulheres afirmam que amigos, filhos, pares e familiares são os principais influenciadores, acompanhado da mídia. Isso influencia na tomada de decisão de iniciativas de cuidado com a aparência.

3.3.2 Categoria 2. Reminiscência de momentos de cuidados: tempos de outrora.

A questão da atenção com a aparência são manifestações, as quais remeteram, em sua maioria, às lembranças sobre os cuidados que tinham consigo mesmas nos tempos de outrora. Conforme as entrevistas, foram surgindo falas que evidenciam os fatos que seguem:

“Toda vida, toda vida eu me cuidei, eu gostava mesmo era de ir no salão”.

Maia

“As vezes eu ia no instituto, tinha um cabelo castanho escuro e bem enrolado e quando eu ia lá, fazia um coque coisa mais linda.”

Zaniah

“[...] até os 70 anos eu ainda ia no Instituto (salão), ia na “X”, pintava, cortava e enrolava o cabelo, de sexta até domingo”.

Estela

As falas das idosas, lembrando a rotina de cuidados com a beleza no passado, se expressam em recortes de memórias e passagens da vida. O tom das reflexões era semelhante: lembranças de quando eram jovens e se consideravam belas e, por isso, mantinham o desejo de se cuidar. Depois, ao se perceberem envelhecidas, se sentem feias e se rendem a indiferença, ou seja, a aparência não invoca cuidados.

Schilder (1994) apresenta, que os esquemas compreendidos como imagem corporal são plásticas e permitem as variadas alterações físicas. Sendo que cada plástico de esquema registra na atividade do córtex, criando uma relação com cada grupo de sensações construídas pela postura que se modificou. Desta forma o reconhecimento imediato ocorre tão logo à reação recordada esteja concluída.

Contudo, Schilder (1999) afirma que beleza não é uma entidade rígida, o “eu” apresenta manifestações de transformações, e cada etapa da vida tem um entendimento diferente, associado à fase da vida que se está vivendo.

Segundo Moraes (2011) a maior parte das mulheres, conservam valores da juventude durante o passar dos anos, todavia o que se passa com a mulher institucionalizada? Estela aponta a mudança entre a vivência fora instituição e o

momento atual... até os 70 anos eu ainda ia no Instituto...ia na “X” ... referindo ao salão de beleza.

Para as idosas a aparência, conforme Marques (2009), é o item mais público e visível de uma pessoa frente ao mundo e as relações sociais, adotando ser um espelho de sua personalidade, perspectivas, recursos e história.

Reconhecer-se como pessoa idosa para muitas mulheres, acontece quando o peso da vida acrescentada sobre a memória de tempos passados, torna o caminho do que está a frente menor que o já trilhado (SANT’ANNA, 2016). Este pensamento foi evidenciado nas palavras de Sírius:

“[...] antes, era bonita, não tinha a cara que tenho agora, mas já não tenho mais muito tempo pra frente”.

Sírius

A maneira como é percebido o processo do envelhecimento é que poderá designar uma aceitação de formas distintas das mudanças. Negativo, ou de forma natural, e coexistir com manutenção de uma autoestima positiva. O que se observa nas falas que seguem:

“Não, perdi a vaidade por estar aqui, eu gosto de me olhar no espelho, trouxe até o meu espelho de casa, uma coisa que não deixo de fazer é pentear o cabelo.”

Maia

*“Para 81 anos acho que estou bem né, não posso querer ter cara de 20...(risos)”, acredita que eu nunca pintei meu cabelo”.
Sou feliz como sou, como me vejo no espelho e aqui é o lugar que quero ficar até o “fim”.*

Merópe

O olhar sobre o envelhecer evidenciado nas falas de Maia e Merópe, ressalta que, para algumas mulheres, este processo pode ser indicativo de uma construção positiva em relação a autoestima. De acordo com Hutz e Zanon (2011) a autoestima nasce da aceitação dentro do meio social e da estima consideradas importantes para o indivíduo.

A compreensão dos aspetos do envelhecimento e a imagem, encontra-se diretamente ligada às necessidades das idosas e suas condições de vida, juntamente à autoestima (KOC, 2012).

Goldenberg (2014) afirma que a velhice pode ser vivida com beleza, liberdade e felicidade. Acrescenta ainda que envelhecer é ação, continuidade. Envelhecer é mudança, uma ação a frente da forma. Ficamos mais velhos a cada momento, diferentes no passado e viveremos diferentes no futuro de formas individualizadas na passagem do tempo.

3.3.3 Categoria 3. Aqui neste lugar se arrumar para quê? Para quem?

A mulher idosa institucionalizada se depara com uma realidade diferente da qual estava familiarizada. A mudança para uma “nova residência” com a perspectiva de ser uma morada de longa permanência é um desafio para a pessoa idosa, pois passará por modificações nos hábitos de vida diária, inserida em um ambiente novo e desconhecido (BESSA; SILVA, 2012; PAVÃO, 2013).

Institucionalizada, a idosa passa a desvincular-se dos antigos papéis, desse modo é impelida a adaptar-se à nova realidade social, vivenciando, por vezes, abalos emocionais que se traduzem em manifestações comportamentais nem sempre ajustadas. A recuperação de situações negativas ou traumáticas irá

dependem da forma como as pessoas utilizam os recursos pessoais e de como conseguem agir e olhar o mundo que se apresenta.

A rotina das instituições geralmente é pautada por horários, normas e regras inflexíveis, sem margem para que uma rotina autônoma, o que propicia a consideração que a institucionalização pode ser útil para a baixa autoestima e ao desinteresse do cuidado com o corpo e autoimagem (BESSA; SILVA, 2012).

Tal apontamento é observado em Sírius quando expressa não reconhecimento do local onde reside:

Eu to aqui, mas parece que estou em outro mundo, desleixada, sem dinheiro para ir no instituto, eu me sentia feliz antes, era bonita, não tinha a cara que tenho agora. Mas infelizmente sim, envelheci muito e passei por muitas dificuldades, e agora eu to aqui.” “Eu gostava de mim mesma, tudo era cuidado, agora eu me sinto um trapo.”

Sírius

Para Maçola, Vale e Carmona (2010), autoestima pode ser conceituada como um juízo de valor em relação a si mesmo e tem início já na infância, de extrema importância e influência na relação do indivíduo consigo, na concepção de acontecimentos e ainda no próprio comportamento.

Sibilia (2011) aponta que a vida constante e rotineira que as ILPI impõem, muitas vezes, provocam senso de inutilidade, interferindo de modo negativo na autoestima. Por vezes, nas falas das mulheres, quase como um consenso, ouviu-se o pronunciamento “depois que vim pra cá não me cuido mais”.

O ambiente institucional é cercado, por vezes, de preconceitos e práticas de discriminação, desencadeiam a identificação da existência de emoções

comportamentais negativas e positivas em relação ao envelhecer, que contribuem ou não no seu bem-estar e a dignidade pessoal.

Para os autores Lima et al., (2016) ao realizar uma revisão integrativa sobre emoções e sentimentos de idosos institucionalizados consideram que o cuidado com o corpo e a imagem, é vivenciado de maneira específica e idealizada pelas mulheres. A este cuidado está vinculada a vaidade com questões estéticas, que significa para o grupo de idosas institucionalizadas a experiência de estar fora dos padrões estéticos de beleza e juventude, socialmente valorizados, propiciando, por vezes, sofrimento e insatisfação.

Silder (1999) salienta que não só nos notamos como também temos uma propensão a ver nosso corpo tanto quanto o corpo dos outros.

O tempo em que as mulheres idosas experienciam a convivência na ILPI, irá construir a sua identidade e imagem de acordo com o próprio contexto somando-se as interações e experiências construídas ao longo da vida (PAVÃO, 2013).

Quando mencionam que não se arrumam, lança-se o questionamento, por que não se arrumar? Então, vem à contra pergunta: “se arrumar para quem”? Assim como tem aquelas que não encontram uma razão para investir no cuidado da imagem, há outras que revelam uma motivação para manter os cuidados com a imagem, o que corrobora nas falas que seguem:

“Eu ainda me cuido muito, por que eu tenho uma irmã que gosta muito de mim, disse que sou muito caprichosa, principalmente o cabelo.”

Maia

“eu uso as coisas que eu tenho e me arrumo no dia que a madrinha vem”.

Adhara

“[...] quando morava com meu marido e meus filhos eu tava sempre arrumada, pois eu era a única mulher da casa (risos) “.

Rígel

Schilder (1999) esclarece que a imagem corporal esta ligada às relações intra e interpessoais, às emoções e sentimentos do sujeito consigo, com os outros e seu ambiente, com uso de vestimentas e objetos de adereço.

A autoestima está diretamente ligada à valorização que o indivíduo faz de si em diferentes situações e eventos da vida. Está relacionada a sentimentos de competência, valor pessoal, auto respeito e autoconfiança. Assim, a motivação em mostrar-se para alguém está vinculada a imagem corporal, e o sentimento de valorização ligada a autoestima, de forma que se complementam e despertam interesse nas idosas em determinadas situações aos cuidados e ao resgate de sentir-se bela.

Grande parte das residentes, deste estudo, são viúvas ou idosas solteiras, e a ausência de um companheiro ou de alguém que lhes ampare, determina as razões da institucionalização, como corrobora a literatura (LINI; PORTELLA e DORING, 2016), a decisão pode ser da própria pessoa ou uma escolha da família.

A viuvez carrega forte significado de gênero, não só porque o contrato social fundador da relação perdida, o casamento, emana de situações estabelecidas nessa dimensão da vida social, com transformações para a pessoa que se percebe sozinha (DEBERT, 2011).

“Quando fiquei viúva entrei numa depressão que não saía mais da cama, e daí eu fiquei muito magra, tão magra que sempre quis ser, mas fiquei feia e tão triste. Aí eu vim para cá e agora eu trabalho na cozinha aqui, to gorda de novo, mas estou feliz”.

Nashira

“Tem uma pessoa que me acha bonita, tenho bastante idade, não me acho mais bonita como era antigamente.”

Alhena

“Um dia eu vindo, lá de fora, comprei um traje bem bonito, tomei um big de um banho, fui no instituto para pintar minhas unhas, cortar e arrumar meu cabelo, fiz maquiagem, daí meu marido foi me encontrar e disse que não me reconhecia de tão bonita que eu estava, agora ele já se foi, agora eu não tenho mais ninguém, aí eu moro aqui.”

Alcione

O conteúdo da fala de Alcione nos faz compreender que as mudanças no curso da vida dessas mulheres, nem sempre dependem exclusivamente da iniciativa pessoal ou da própria vontade, mas de ações externas, de outros, ou de fatos que lhes possibilitem perceber que alguém se importa com a sua imagem corroboram o pensamento de Shilder (1994), o interesse e atenção das pessoas que nos cercam exercem grande influência na elaboração da imagem corporal, o que leva a concluir que no processo de estruturação da imagem corporal as experiências e sensações obtidas por ações e reações dos outros em nossas relações sociais, são parte integrante do processo e da construção da imagem corporal.

3.3.4 Categoria 4. As mãos que agarram o sopro da identidade.

O que chamou atenção foi a forma como as mulheres idosas falam e solicitam sobre o cuidado das mãos, mais especificamente, o embelezamento das

unhas. Tal escolha, despertou o interesse em compreender o motivo que levava as idosas a dar tamanha importância para o cuidado das mãos e unhas. Essa vontade em cuidar das mãos é expressa na fala de Rígel. Ela associa o “buscar ânimo e não deixa a tristeza chegar, fazendo as unhas, e diz que isso era uma prática comum mesmo antes de estar na instituição.

“De nova também, os cabelos tinham que estar sempre lindos, e as unhas também, toda semana, gastava dinheiro, até hoje eu gasto com essas coisas. As vezes quando quer me dar uma tristeza, eu pinto as unhas...(risos) é minha filha, a vida não é fácil!”

Rígel

“Meus cuidados de beleza é só mesmo cuidando do meu banho, ah mas eu só gosto de pintar a unha.”

Meissa

“sempre pintei a unha, tinha umas unhas tão bonita, fazia a cada uma semana. fiquei feliz em fazer aqui, adorei.”

Estela

As mãos representam a comunicação e a troca de energia, através delas é possível comunicar algo que não nos pertence. As mãos podem apresentar inúmeros significados, usados diariamente com frases e atitudes por vezes inconscientemente revelando algum sentido, como, “o futuro está em suas mãos”, abrir mão de algo, a mão de Deus, noivo pede a mão da noiva em casamento, as mãos entrelaçadas na hora da oração, a mão que aponta quando não se consegue falar, entre outros, todas ações com muita representatividade (LEPOUP, 1998).

As mãos humanas são produtos de evolução, instrumentos de precisão que refletem sua própria inteligência, vontade e desejos, expressão de prazeres e

emoções. As mãos, têm aparência e características únicas, revelam a ocupação e o ofício de um indivíduo. As mãos podem contar histórias de vidas inteiras. Além ainda, cada par de mãos é constituído de padrões de impressões digitais únicas e que não mudam absolutamente nada após o quarto mês da gestação (PALLASMAA, 2013).

No entendimento de Cairo (2010) pelas atitudes e movimentos das mãos é possível perceber o estado emocional de uma pessoa, já as unhas são representatividade de proteção, simbolizam quem nos protegem.

Nesse alinhamento, podemos aludir que nossas mãos são nossos servos confiáveis e diligentes. Pallasma (2013), em referência as teorias da antropologia e pesquisa recentes ressalta que cabe às mãos um papel embrionário na evolução da inteligência, da linguagem e do pensamento simbólico. Estas primeiras impressões das mãos, possivelmente, significam o indivíduo cuja mão deixou a marca, da mesma forma que as crianças gostam de imprimir marcas de suas mãos como expressões de suas individualidades. Assim, também as mulheres idosas, na atitude de zelo e embelezamento das mãos e unhas podem traduzir, em gestos, um modo de como se agarram o “sopro” da identidade que lhes resta. Na ILPI, já perderam autonomia de decisão sobre suas rotinas e afazeres, entretanto, nas escassas oportunidades de adentrar ao salão de beleza, percebe-se o quanto se enlaçam em gestos de conservação da identidade.

Furman (1997) explora o significado do corpo envelhecido para as mulheres, tendo escolhido o salão de beleza para observar como ocorre essa construção social entre mulheres judias. Verificou que a identidade feminina está ligada também ao corpo como instrumento de apresentação de si, incluindo a aparência das mãos e unhas. O estudo de Oliveira e Focaccia (2010) apresenta que o ato de pintar as unhas é cada vez mais uma fuga do rigor, é uma demonstração de domínio sobre a própria aparência.

Paulson (2008) em pesquisa, observou que fazer as unhas era um momento de relaxamento para as senhoras idosas que frequentavam salão de beleza. No mesmo estudo, ressaltou que as clientes não gostavam do uso de luvas pelas esteticistas, apontando que o uso tornava mais frio o contato com o corpo delas. Mais do que isso, o toque do corpo envelhecido demonstrou a aceitação pela esteticista ao corpo das clientes, mulheres idosas e vaidosas que se viam constrangidas a escondê-lo.

Para muitas mulheres a percepção do ato do fazer e de pintar as unhas, seja pelo contexto social, atividade profissional, educação ou alguma espécie de motivação, seja responsável pelo impulso do prazer. Para estas idosas institucionalizadas, o prazer com sensação de beleza renovada pode estar presente, uma vez que elas acabam por terem dias rotineiros, contudo, o resgate da identidade é presente, as mãos para estas mulheres representam letreiros da personalidade, a vontade de fazer as unhas, se traduz em “poder fazer” suas próprias escolhas.

4 Considerações Finais

Os resultados encontrados no estudo possibilitaram que se chegasse a considerações em relação as idosas entrevistadas, quando questionadas quanto aos cuidados com aparência, autoestima e o significado de beleza.

Observa-se que a satisfação ou não com a imagem e a autoestima é construída e reconstruída, no percurso ao longo dos anos e na forma de vida, assim refletindo nas ações de cuidado das idosas, as quais relembram de passagens e recortes de momentos de vaidade e dos cuidados que mantinham quando jovens e, na vida adulta não institucionalizadas, contudo, conhecedoras do preconceito vivenciado na velhice pelos estereótipos e pela cultura da sociedade em que se vive.

A juventude deu lugar às rugas, o cabelo mudou de cor e tantas outras modificações citadas nas entrevistas, provocam nas idosas o olhar acerca do corpo envelhecido e, a percepção de sentimentos acerca de si mesmas. Tal reconhecimento aponta a falta de uma razão para qual se cuidar ou manter uma imagem como “bela”, quando mencionam que enquanto institucionalizadas, e ainda que a maioria viúvas e solteiras, indagam: se arrumar para quem, para que?

A feiura, repetidas vezes referida à gordura pelas idosas ou mesmos à falta de vigor físico e a pele envelhecida, ilustra o valor social da velhice, a discriminação nas sociedades que cultuam o corpo.

Para finalizar, embora dentro de um contexto social enquanto institucionalizadas, é relevante o pensar na autoestima, nos cuidados e na percepção de beleza na velhice, podendo também trazer a identidade quase esquecida, as sensações de bem-estar do passado, a alegria de se olhar no espelho e gostar do que vê.

Envelhecer não constitui somente uma mulher enrugada ou com dificuldades, como algumas das idosas do estudo que relatam a cadeira de rodas como percepção de incapacidade ligada a imagem, mas uma mulher bela em sua essência, que já viveu e vive hoje, desfrutando dos momentos que a vida lhe proporciona. O estudo contribuí para os estudos da Gerontologia, ainda se recomenda novos estudos, expandindo outras condições no sentido de corroborar ou acrescentar em novos achados.

5 Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: ed. 70, 2016.

BESSA, M. E. P. et al. Idosas residentes em instituições de longa permanência: uso dos espaços na construção do cotidiano. *Acta Paul Enferm.* v.25, n.2, p.177-182, 2012.

BLESSMANN, E.J. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento Humano*, Porto Alegre. v.6, p.21-39, 2004.

CAIRO, C. **A Linguagem do Corpo**. São Paula. Editora Barani: 2010.

CAULÊTE, E. et al. Influência Nutricional na percepção da Imagem Corporal e Autoestima de Idosas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Abril-Junho-2015. Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo>.

COACCI, T.; SANTOS, L. C. “Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre gênero, beleza e feiura. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Periódicus, Salvador, maio-out. 2017 n. 7, v. 1.

COELHO, M. C.; REZENDE, C. B. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ECO, U. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FIN, T. C. et al. Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. **Revista Kairós Gerontologia**, v.18, n.4, p.133-149, 2015.

FIN, T. C.; PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, S. A. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.20 n.01. p.77-87, 2017.

FREIRE J. R. C.; TAVARES, M. F. L. A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.9, n.1 p.83-92, 2006.

FURMAN, F. K. **Facing the mirror: Older women and beauty shop culture.** Psychology Press, 1997.

GOLDENBERG, M. **O Corpo como Capital:** gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira, 09-30. São Paulo (SP): Ed. São Paulo, Estação das Letras e Cores. 2010.

HUTZ, C.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: *Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale.* **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.41-49, abr. 2011.

KOC, Z. *Determination of older people's level of loneliness.* **Journal of Clinical Nursing**, v.21, p.3037-3046, 2012.

KOWALSKI, J. P. et al. Mulheres idosas: percepções sobre beleza e envelhecimento. **Revista del Cehim.** NUEVA ÉPOCA. p.76 – 97, 2017.

LELOUP, J. **O corpo e seus símbolos.** Uma antropologia essencial. Editora Vozes. São Paulo: 1998.

LIMA, T. V. et al. Emoções e sentimentos revelados por idosos institucionalizados: Revisão integrativa. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, julho-setembro. v.19, n.3, p.51-65, 2016.

LINI, E. V.; PORTELLA, M. R.; DORING, M. Fatores associados à institucionalização de idosos: estudo caso-controle. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.19, n.6, p.1004-1014, 2016.

LOPES, M. S.; ARANTES, R. C.; LOPES, R. G.C. Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo. v.10, n.2, p.45-61, dez 2007.

MAÇOLA, L.; VALE, I. N.; CARMONA, E. V. Avaliação da autoestima de gestantes com uso da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Rev Esc Enferm USP**, v.44, n.3, p.570-577, 2010.

MARQUES, C. **Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo**. In Goldenberg, M. (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*, 21-44. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p. (Saúde em debate; 46).

MORAES, A. **O corpo no tempo: velhos e o envelhecimento**. História do corpo no Brasil. São Paulo: UNESP, 2011.

MOURA, G. A., SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: Quatro desafios à velhice. *Textos & Contextos*, v.11, n.1, p.172 -183, 2012.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece** – Psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NELSON. *Ageism, stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge: MIT Press. 2002.

OLIVEIRA, A. C. D. S.; FOCACCIA. R. "Survey of Hepatitis B and C Infection Control: Procedures at Manicure and Pedicure Facilities in Sao Paulo, Brazil.". **Brazilian Journal of Infectious Diseases**. v.14, n.5, p. 502-507, Set-Out- 2010.

PALLASMAA, J. **As Mãos Inteligentes**. Editora Bookman. São Paulo. SP: 2013.

PAULSON, S. 'Beauty Is More Than Skin Deep.' An Ethnographic. Study of Beauty Therapists and Older Women." **Journal of Aging Studies**. v.22, n.3, p.256-265, 2008.

PAVÃO, S. S. **A Identidade com o lugar de pessoas idosas institucionalizadas: um estudo exploratório realizado em dois lares da ilha Terceira (Açores)**. Dissertação de Mestrado. Repositório UAC. Angra do Heroísmo, Portugal, 2013.

POUPART, J. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. P.; JUSTO, J. S. Ressignificação da feminilidade na terceira idade. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.14, n.2, p.169-186, 2009.

SANT'ANNA, D. B. Velhice: entre destino e história. **Estudos sobre Envelhecimento**. v.27, n.66. P.8-19, 2016.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **P. A Imagem do Corpo**: As Energias Construtivas da Psique, Trad. Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SIBILIA, P. **A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice**: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: Goldenberg, M. **Corpo Envelhecimento e Felicidade**, 83-101. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2010.

SILVA, L. C. C. et al. Atitude de Idosos em Relação à Velhice e Bem-Estar Psicológico. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v.15, n.3, p.119-140, 2012.

SILVA, N.P.; CACHIONI, M.; LOPES, A. Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI- EACH-USP. **Revista Kairós Gerontologia**. v.15, n.7, p.235-257, 2012.

SIMÕES, R. **Idoso Asilado**: Qual sua imagem? São Paulo: Fontoura, 2011.

4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA II

O desvelamento da feminilidade na velhice

Resumo

O objetivo deste estudo foi descrever o processo de desvelamento da feminilidade na velhice, mediatizado pela oficina de beleza. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, tipo estudo de caso, como participante uma mulher idosa de 83 anos, residente de instituição de longa permanência. Utilizou-se para coleta de dados entrevista com ancoragem na técnica de história de vida. O período de coleta foi de agosto a outubro de 2017. A mulher idosa institucionalizada, diante da escuta sensível, resgata momentos da vida e na vivência de contatos sociais significativos desvela traços de sua feminilidade na velhice, algo dissimulado ao longo da vida, influência da decisão do pátrio poder e de questões de violência vivenciada em família.

Palavras-chave: Envelhecimento. Beleza. Experiência de vida.

Abstract

The objective of this study was to describe the process of unveiling femininity in old age, publicized by the beauty shop. It is an exploratory study of qualitative approach, type case study, as an elderly woman of 83 years, resident of a long-term institution. It was used to collect data interview with anchoring in the life history technique. The collection period was from August to October of 2017. The institutionalized elderly woman, in the face of sensitive listening, rescues moments of life and in the experience of significant social contacts unveils traits of her femininity in old age, something concealed throughout life, influence of the decision of the parental power and Issues of violence experienced as a family.

Key words: Aging. Beauty. Life Experience.

4.1 Introdução

Envelhecimento feminino tem sido um dos fatores significativos nos estudos sobre envelhecimento, a demografia parecer estar no cerne da questão, ao observar o Censo Demográfico de 2016 (IBGE, 2016) se observa que entre os idosos, o quantitativo predominante são as mulheres, fenômeno este definido como a feminilização da velhice.

Do ponto de vista biológico e funcional, a velhice se caracteriza por declínios e transformações morfofisiológicas. Todavia, o envelhecer feminino não necessita significar decadência dos sentidos físicos e mentais, e sim uma permanência da vida, com particularidades e limitações, entretanto com capacidade de viver dentro das possibilidades de bem-estar (IRIGARAY; SCHNEIDER; GOMES, 2011)

Em face a tal realidade, deparamos com situações que retratam diferentes vivências e trajetórias de pessoas idosas com os amplos sentidos em relação ao envelhecer. Este trabalho tece reflexões, sobre o desvelamento da feminilidade, a partir de fragmentos da história de vida de uma mulher institucionalizada. A reconstrução da imagem de gênero e o transparecer da feminilidade foi mediatizado pelo encontro com os recursos estéticos.

4.2 Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva de abordagem qualitativa. A escolha de abordagem da metodologia qualitativa se alista para Creswell (2010) que a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e compreender o sentido que os indivíduos atribuem para problemas sociais e humanos. Em relação ao aspecto exploratório, Sampieri, Collado e Lucio (2013),

apontam que é utilizado para a coleta de dados que não ocorre uma medição numérica a fim de descobrir ou aperfeiçoar perguntas no processo de interpretação.

Minayo (2010) esclarece ainda que pesquisa qualitativa dirige as probabilidades para compreensão da vinculação interna de grupos e instituições sobre a importância cultural e os aspectos sobre sua história e temas reservados, as relações entre os indivíduos, instituições e ainda os movimentos sociais.

O presente trabalho se constitui como um subprojeto da pesquisa maior intitulada “Padrões de Envelhecimento e Longevidade: aspectos biológicos educacionais e psicossociais”, do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo (UPF), o qual recebeu fomento do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica-Procad/Capes- Edital PROCAD Nº 71/2013. O mesmo foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da UPF Parecer n. 2.09.278

O caso descrito trata de mulher, com idade de 83 anos, solteira, baixo nível de escolaridade e socioeconômico, residente em instituição de longa permanência na cidade de Carazinho, situada no norte do estado do Rio Grande do Sul.

O período de coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2017. Para atender ao objetivo proposto do estudo os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. As entrevistas aconteceram dentro de uma oficina chamada: “Oficina da Beleza”, voltada a recursos de cuidados e beleza, oferecida pela instituição. Tal estratégia foi adotada de modo que em um ambiente de empoderamento em conjunto com mulheres em situações semelhantes, fez com que ela se sentisse encorajada e acolhida o que lhe permitiu expor fatos da vida por meio da fala, de modo que com o seu próprio pronunciamento, despertou o desejo e a força de recordar, reorganizar e traduzir sua história de vida em palavras.

A entrevista semiestruturada, permitindo as devidas conformações para exploração em profundidade, seguiu as recomendações de Poupart (2008). Para tanto foi estruturada por perguntas abertas para nortear o diálogo na entrevista. O tempo de entrevista atendeu às condições singulares da participante, sucedendo em um período de no mínimo 30 minutos e no máximo de 90 minutos para que não ocorresse dificuldades para participante em rememorar sua história de vida.

A de história de vida, no comentário de Freitas et al. (2013), se propõe a estabelecer um processo de rememorar, de revisitar a vida do indivíduo, elegendo os fatos mais significativos para o indivíduo nessa trajetória. Deste modo, possibilita obter informações no íntimo subjetivo da vida de uma pessoa, podendo promover questionamentos e reflexões sobre sua identidade. No entanto, embora as histórias de vida sejam privadas, são depoimentos de práticas sociais, já que o indivíduo está inserido no mundo em diversos contextos sociais.

4.3 Resultados e Discussões

4.3.1 Fragmentos de vida de Dona Flor

Inicialmente, vamos apresentar Dona Flor, pseudônimo adotado por entender que em um determinado momento da vida ela desabrochou, assim como ocorre com as flores, uma mulher de 83 anos, que vive em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) há mais de 15 anos. Conhecer D. Flor foi algo que pode ser descrito entre curiosidade e o sobressalto. Curiosidade, pois no momento em que vi pela primeira vez, ao adentrar o salão de beleza da ILPI, me deparei com uma mulher com traços físicos que mais lembrava um homem envelhecido. D. Flor estava vestida com roupas largas, de cores sóbrias, transparecendo um aspecto masculinizado. Já, o sobressalto pode ser atribuído ao conhecimento, paulatinamente, de fragmentos da sua história de vida. Nos primeiros dias, o diálogo era reservado, mas o tempo foi passando e D. Flor se sentia mais à vontade,

pouco a pouco foi tecendo a teia da vida e apresentando os nós mais críticos.

Acredito que um evento vivenciado ainda na infância foi nó crítico do embotamento, ou melhor, do apagamento da sua feminilidade por um longo tempo. Conta D. Flor que, certa feita, foi vítima de abuso sexual, ainda criança, por volta dos 05 anos de idade, a família morava no interior e ao se distanciar da mãe para brincar, um vizinho foi o agressor. Após ocorrido, relata ela que foi tratada pela família como uma pessoa doente. Com o passar dos anos não se interessou mais pela conversa, haja visto que não tinha oportunidades de conversar com outras pessoas, e no ambiente familiar era ignorada pelos demais. Os anos se passaram, o isolamento dentro do contexto da família progrediu e sua própria reclusão resultou em um afastamento social, o que comprometeu até a condição funcional, pois no avanço dos anos houve prejuízo até mesmo na locomoção, o que resultou em dificuldade para caminhar. No cerceamento familiar, imposição do pai com anuência da mãe, segundo relato feito, era impossibilitada de fazer qualquer atividade, mesmo as domésticas, tão pouco frequentou a escola. O pai a culpava pelo acontecido, na percepção de D. Flor sua condição de mulher era desvalorizada, informa que foi obrigada usar roupas que escondesse as formas do corpo e os cabelos sempre muito curtos, nunca teve acesso a qualquer adorno ou uma vestimenta mais feminina.

A revelação do acontecido foi pautada num misto de tristeza e resignação. Conta ela que durante grande parte da vida viveu “deixada de lado”. Depois de muitos anos, a família mudou-se de cidade, em função da profissão do pai, ferroviário, e, desta feita, veio a institucionalização. A família ao se mudar tomou a decisão e a deixaram na ILPI, lugar que reside até os dias atuais. Depois da partida, nunca mais soube da família. Tempo depois, na instituição voltou a andar, mesmo que com dificuldade e auxílio de bengala, também voltou a falar, no começo falava pouco, num tom baixinho e com pronúncia difícil. Sua participação nas oficinas de beleza, que são atividades desenvolvidas uma vez por semana, abrangendo cuidados faciais, capilares, mãos e pés, por alunas voluntárias de um

curso de graduação de Estética e Cosmética oferecidas dentro da na ILPI, pode ser interpretada como um divisor de águas.

A medida que passou adentrar o salão de beleza, e, aos poucos foi estimulada a se olhar no espelho, mirar sua aparência com o cabelo arrumado, convidada a apreciar uma maquiagem e pintar suas unhas (re)surge a imagem de uma mulher que, aos poucos, também vai escolhendo suas roupas, na qual surgem as cores e os adornos. Participar das conversas no salão, de início como ouvinte, todavia, por estímulos constantes, aos poucos ousava se manifestar, ao mesmo tempo em que observava atenta as escolhas das demais mulheres, que por ali transitavam. As oportunidades de cuidado e embelezamento mediarão o despertar do ser feminino a tempos adormecido. Entre os vários encontros, foi se construindo a trajetória de vida de D. Flor, uma história reduzida, refletindo talvez o próprio curso da vida. Em determinado momento comentou que gostaria de conversar mais, falar sobre mais coisa, mas era só isso que tinha para contar.

4.3.2 Feminilidade e Gênero, uma construção sociocultural

As diferenças de gênero intervêm no processo de construção de subjetividade e na constituição do ser e fazer de um indivíduo. Transmitem, segundo Fontana (2003), especificidades a esses processos, que supõe uma construção social e corporal de valores, conhecimento e gestos tidos como femininos ou masculinos, que se estendem a todos os espaços sociais e que terminam por configurar diferentes práticas corporais. A história de D. Flor exemplifica o quão determinante são os valores que imperam na família patriarcal.

Ao mencionar o aspecto relacional do gênero, Scharagrodsky (2004, 2007) afirma que não se pode entender a feminilidade sem dar conta da masculinidade e vice-versa, pois os problemas vinculados à construção das feminilidades estão diretamente relacionados à construção das masculinidades.

Isso implica que as mudanças em um coletivo geram necessariamente modificações sobre o outro coletivo, o que nos leva a considerar que os gêneros se fazem e se refazem continuamente ao longo da existência, e essas mudanças, na visão de Altmann (2006), evidenciam que polaridades de gênero e de sexualidade são socialmente construídas e, portanto, passíveis de problematização e desconstrução. O que corrobora com o ocorrido com Dona Flor, o desabrochar de uma mulher em um corpo masculinizado. Aos poucos, se reconstrói por meio de modificações despontadas por cuidados com uma imagem, agora feminina.

Soares (2006), aponta que o corpo pode ser, o mais admirável traço da memória da vida seja biológico ou simbólico, apresenta um processo de virtualidades, envolvido por forças que não interrompe inquietações e confortos. O corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, ou ainda, escondê-los. O entendimento do autor, reflete nas atitudes de Dona Flor, que ao se reduzir e ser diminuída dentro da própria família, ocultou o corpo feminino, em razão de suas perturbações.

Em um dos seus estudos, Scharagrodsky (2004), ressalta ainda que o corpo, inserido em uma organização de relações sociais, constitui também a construção cultural, um conjunto de signos e marcas, representações que buscam fixar sobre os gêneros e identidades. Dona Flor foi obrigada a esconder o corpo, teve sua imagem feminina apagada por cerceamento, foi culpabilizada por uma violência da qual foi vítima.

Ao especificar o aspecto relacional do gênero, Scharagrodsky (2004, 2007) afirma que nenhum ser humano é unicamente homem ou mulher, masculino/a ou feminino/a ou outra opção possível. Cada um/uma é decorrente do encontro de diversos atributos e funções, os quais têm uma importância fundamental na configuração da própria identidade. No caso de D. Flor, o encontro

com a violência e a decisão do pátrio poder do pai sobre o corpo e o jeito de ser da mulher teve inferência decisiva sobre sua identidade e feminilidade.

4.3.3 O envelhecimento feminino e os aspectos sociais

Na segunda metade do século XX, as modificações sociais e culturais tiveram como foco, dentre outras pontos, a mulher e a feminilidade (BRUSCHINI; UNBEHAUM, 2002). Entretanto, no entendimento de Figueiredo et al. (2007), na velhice é observado a ocorrência de um apagamento da sexualidade e uma negação das questões de gênero, que disfarçam perdas e ganhos originados pelo envelhecimento. Todavia, ao refletirmos sobre a vivência de Dona Flor, em especial, os contatos sociais significativos no salão de beleza da ILPI, observamos o desvelar da feminilidade, a expressão da afirmação da sua condição de mulher que aprecia seus traços e sua aparência.

Isentadas dos papéis e modelos de identificação tradicionais, as mulheres idosas podem se vincular a outras formas de subjetivação que lhes propiciem acréscimos da experiência de vida, principalmente, no resgate da feminilidade (FIGUEIREDO et al., 2007). Ecléa Bosi, em 1995, na obra “Memória e Sociedade: lembrança de velhos”, também considerava sobre a necessidade da mulher idosa emergir em processos que promovam reflexão e transformações. “Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo (BOSI, 1995, p. 80)”. As transformações vivenciadas por Dona Flor, a fizeram descobrir a identidade de uma mulher já imêmore, evidenciando sinais de beleza e autoestima, revertendo os danos de toda uma vida sem se notar.

As transformações de papéis e da posição da mulher na sociedade, ampliando as possibilidades de vivência da feminilidade, incide na existência da velhice, entretanto, não deixa de originar, dificuldades e conflitos. Muitas idosas enfrentam conflitos pertinentes à redefinição de sua enraizada identidade feminina

de submissão e opressão, afrontando-se com sentimento de inadequação e com auto repreensões por alterar padrões de conduta tão radicados (CARDOSO, 2004).

Deste modo, o envelhecimento, em específico feminino, como o caso de Dona Flor, deve ser respeitado dentre múltiplos fatores, intimamente ligados às questões de gênero, história pessoal, contexto cultural, social, político e econômico que poderão interferir no modo de vida das pessoas. A maturidade das mulheres, hoje idosas e longevas, foi estabelecida com valores de família de origem, ideal de casamento, constituição de próprias famílias, aprovadas com nascimento dos filhos. Já as mulheres solteiras e sem filhos, igualmente reafirmaram esses valores, porém, desviaram sua maturidade para os cuidados da família de origem (BASSIT, 2004).

Na vivência de Dona Flor, os valores decisórios do pátrio poder interviam significativamente no seu percurso de vida, logo, verifica-se que relações de gênero e construções sociais de formatos dominantes e de subordinação, são decorrências históricas, experiências e trajetórias sociais distinguidas para homem e para mulher. Assim as mulheres idosas de hoje, vivenciaram uma perspectiva obrigatória de “feminilidade” apontada por obediência, conformismo e desigualdades, ainda de uma apropriação social do seu corpo traduzido pelo controle familiar e nas funções reprodutivas (VASCONCELOS et al., 2004).

Kehl (2016) destaca que a adaptação das mulheres ao padrão de feminilidade que ainda sobrevive, é componente social moderno, delegado pela educação, parentes, senso comum, religião e ainda pela produção científica que define o que cada mulher necessitaria constituir para ser realmente uma mulher.

Segundo Cerveny (2010), a velhice, como última fase do ciclo da vida, representa uma condição de resumo da vida, além de apontar as contradições e vazios que foram vividas na trajetória, especialmente familiar. Talvez por isso, D.

Flor expresse que gostaria de falar mais sobre si, mas há tão pouco a relatar, as reminiscências apontam para vida repleta de ausências.

Nos relatos de Dona Flor, fica evidente a existência da manutenção da autoridade patriarcal, em relação ao poder sobre o outro, homem ou mulher, estabelecendo uma hierarquia (SAFIOTI, 2009). Esta mulher, em condições de vivência de conflitos nas relações familiares, coexistia no passado e presente, impedindo de cuidar-se na velhice.

Em novos encontros, apresentou mudanças de aparência significativas, revelava vontade de “resgatar à identidade”, pintava as unhas, usava vestido, por vezes saias, pulseiras e colares apareciam a cada semana. Essa relação trouxe a necessidade reconstrução de relação de gênero, desenvolvendo o cuidado chegando ao desvelamento da feminilidade na velhice.

O cuidado e a busca de identidade de gênero, estabelece atenção a qualidade de vida, melhora da autoestima e ainda colabora para saúde de idosos fragilizados ou dependentes, trata-se de uma questão fundamental e significativa para o ser humano (POLARO, 2013).

A autoestima evidenciada no caso aqui apresentado, é confirmada por Schilder (1999) que esclarece a autoestima, não como uma entidade rígida, e sim que se depara com manifestações de transformações, cada fase da vida tem um entendimento diferente, associada a etapa da vida que se está vivendo. Affonso (2010) aponta que a velhice, é período de rupturas das ilusões narcísicas, momento de extrema castração com a apresentação das perdas, confronta o sujeito com sua verdade.

Falar de si e trocar experiências com outras mulheres em um ambiente sociocultural semelhante pode ajudado no amparo ao sentimento de estranheza de

Dona Flor. A mulher idosa neste cenário passou a resgatar momentos da vida, ao ser escutada em um espaço que a acolheu, enfrentando estigmas e seus anseios na busca da imagem feminina.

5 Considerações Finais

O estudo possibilitou que se chegasse a considerações como, o contexto de contar histórias, conversar, expor fatos, são formas de a memória vir à tona, proporcionando, a partir de suas lembranças, oportunidade de se reconhecer em sua própria experiência, expressar sua trajetória singular do indivíduo. Rememorar passagens emocionais, positivos ou não, pode auxiliar na tomada de posição e ligar-se dentro do seu ambiente social.

Nos fragmentos da história transcrita, surgem conflitos e tensões, que geraram inquietações na pesquisadora, assumindo dimensões maiores à medida que entendia que não se tratava somente de escutar uma passagem de vida, mas era imprescindível compreender o processo de constituição do ser humano. Amparada em um referencial cultural, observo que nas relações com o outro, a maneira de compreensão e de elaboração do mundo e de si próprio são determinados, reproduzidos e retransformados entre o sujeito e a sociedade constantemente, não podendo julgar ou expor opinião sobre as condições do outro.

A feminilidade foi resgatada, uma vez que uma história vivenciada disfarçada, Dona Flor passou a perceber-se com traços e características femininas, expressando alegria e satisfação, sua identidade foi reconstruída ou talvez somente reconhecida por si própria.

Passado meses, em retorno a instituição, encontramos a pessoa da história aqui contada, com os traços característicos de mulher, os quais foram recuperados.

Com roupas femininas, acessórios e autoestima reconhecida. Ao nos deparar, a primeira frase dita foi: “olha como eu continuo me arrumando”.

Os dias podem até estar fadado à solidão pela carência de interação que há na falta da família, do amor e onde reside. Mas observamos sua busca de ajuda proporcionando momentos de reflexão sobre a experiência vivida e pelas transformações que a estética no olhar humano pode oferecer nessa complexa fase do desenvolvimento humano – a velhice.

Atualmente, relações de gênero estão evidenciadas em diferentes áreas de atuação, tendo no cenário as transformações que vêm incidindo na sociedade. Atendendo o caráter plural da concepção de feminino e de masculino em vigor na atual sociedade, de modo que o conceito de gênero tem consentido, se observa a necessidade da intervenção interdisciplinar de profissionais para o entendimento de construções históricas em torno do sexo, destacando os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão entrelaçadas neste mecanismo atribuídas ainda ao processo de envelhecimento.

6 Referências Bibliográficas

AFFONSO, R. M. L. **Envelhecer com Arte Longevidade e Saúde:** Ciências do Envelhecimento. FMU. São Paulo: Editora Atheneu, 2010, cap. 9, p. 134 - 137.

ALTMANN, H. **Construções e desconstruções de gênero e de sexualidade através do esporte.** In: VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 2006.

BASSIT, A. Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (Orgs.). **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.137-57.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRUSCHINI, C; UNBEHAUM, S. G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CARDOSO, D. M. Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. *Terceira idade*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 36-51, maio 2004.

CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C. M. E. e colaboradores. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2ª. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010:128, 129 e 130.

FIGUEIREDO, M. L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 422-427, ago. 2007.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p.

FREITAS, E. R. et al. Tarefas de desenvolvimento e história de vida de idosos: análise da perspectiva de Havighurst. *Psicol. Reflex. Crit.* 2013, vol.26, n.4, pp.809-819.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: um panorama da saúde no Brasil**. Acesso e utilização de serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde, 2016. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnad_panorama_saude_brasil.pdf. Acesso em: 04/07/18.

IRIGARAY, T. Q; GOMES FILHO, I.; SCHNEIDER, R. H. Efeitos de um exercício de memória, memória e funções executivas na cognição de idosos saudáveis. *Psicol Reflexo. Crit.* 2012, vol.25, n.1, pp.182-187.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2o ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

MEYER, D. E. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.09-27, 2003.

POLARO, S. H. I; GONCALVES, L. H. T; ALVAREZ, A. M. Enfermeiras desafiando a violência no âmbito de atuação da Estratégia de Saúde da Família. *Texto contexto - enferm.* 2013, vol.22, n.4, pp.935-942.

SAFFIOTI, H. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais – Revista FLACSO-Brasil*, jun. p. 01-44, 2009.

SCHARAGRODSKY, P. A. **Juntos pero no revueltos**: la educación física mixta en clave de gênero. In: *Cadernos CEDES*. Campinas, v. 34, n. 121, p.59-76, jan-abril, 2004.

_____. **Masculinidades en acción**: machos, maricas, subversivos y cómplices. El caso de la Educación Física argentina. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa, et al. *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, p.18-30, 2007.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOARES, C.L. *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006 – 3.ed. 180p.

VASCONCELOS, D. et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, v.9, n.3, p.413-418, 2004.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a presente pesquisa foi possível realizar algumas reflexões a respeito dos temas abordados e na perspectiva do envelhecimento das idosas institucionalizadas. Observou-se através do estudo como o corpo envelhecido em nossa cultura é marcado por padrão de beleza jovial, acarretando, na recusa dos sinais de envelhecimento que são vistos como uma autoestima rebaixada pelas mulheres.

Ainda se ressalta a necessidade que temos de manter o cuidado ou o “embelezamento” para alguém, ou por algum motivo em especial, de forma que na instituição, nem sempre se torna um ambiente favorável.

Ao fazer parte do programa de Mestrado de Envelhecimento Humano, foi possível entender o significado maior do envelhecimento dentro da multidisciplinariedade, dilatando uma dimensão além da técnica estética, e sim uma visão humana da velhice. Através da pesquisa e fala das idosas do estudo, foi possível refletir que o passado não é somente recordações ou lembranças, agradáveis ou não dessas mulheres, mas com um significado vivido, capaz de ser resgatado através de novas perspectivas e que a beleza e a percepção do corpo para as idosas podem ser fatores que julgam negativos, porém que podem ser trabalhados para que se aceitem, de modo que as rugas e os cabelos brancos sejam vistos com a beleza das experiências vividas e os saberes acumulados.

Com um tema de suma importância, sugere-se novas pesquisas com idosas abordando a temática em questão em diferentes contextos para avançar na construção do conhecimento gerontológico.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, R. M. L. **Envelhecer com Arte Longevidade e Saúde: Ciências do Envelhecimento**. FMU. São Paulo: Editora Atheneu, 2010, cap. 9, p. 134 - 137.

ALTMANN, H. **Construções e desconstruções de gênero e de sexualidade através do esporte**. In: VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 2006.

ALMEIDA G, et al. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. **Psicol Est.**v.10, n.1, p.27-35, 2005.

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.26, n.4, p.820-830, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASSIT, A. Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (Orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.137-57.

BESSA, M. E. P. et al. Idosas residentes em instituições de longa permanência: uso dos espaços na construção do cotidiano. **Acta Paul Enferm.** v.25, n.2, p.177-182, 2012.

BLESSMANN, E.J. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento Humano**. Porto Alegre. v.6, p.21-39, 2004.

BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAIRO, C. **A Linguagem do Corpo**. São Paula. Editora Barani: 2010.

CARDOSO, D. M. Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. *Terceira idade*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 36-51, maio 2004.

CARLI, L. et al. Sentimentos e percepções de idosos residentes em uma instituição asilar. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí, v.10, n.20, p.499-506, 2011.

CAULÊTE, E. et al. Influência Nutricional na percepção da Imagem Corporal e Autoestima de Idosas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Abr/Jun-2015. Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo>

CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C. M. E. e colaboradores. **Família e Ciclo Vital**: nossa realidade em pesquisa. 2ª. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010:128, 129 e 130. gênero, beleza e feiura. *Periódicus*, Salvador, n.7, v.1, maio-out. 2017 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

CHRISTOPHE, M.; CAMARANO, A. A. **Dos asilos às instituições de longa permanência**: uma história de mitos e preconceitos. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. P.145-162.

COACCI, T.; SANTOS, L. C. “Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre Gênero, Beleza e Feiúra. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Periódicus, Salvador, maio-out. 2017 n. 7, v. 1.

COELHO, M. C.; REZENDE, C. B. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

DEBERT, G.G. **A velhice e tecnologias do rejuvenescimento**. In: Goldenberg, M. Corpo Envelhecimento e Felicidade, 65-80. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira. 2011.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, U. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERREIRA, L.; SIMÕES, R. **Idoso Asilado: Qual sua imagem?** São Paulo: Fontoura, 2011.

FERRIANI, M.G.C. et al. Auto-Imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. **Ver. Bras. Saúde Matern. Infant.**, v.5, p.27-33, 2005.

FIGUEIREDO, M. L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 422-427, ago. 2007.

FIN, T. C.; PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, S. A. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.77-87, 2017.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p.

FREIRE JR, R. C.; TAVARES, M. F. L. A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.9, n.1, p.83-92, 2006.

FREITAS, E. R. et al. Tarefas de desenvolvimento e história de vida de idosos: análise da perspectiva de Havighurst. **Psicol. Reflex. Crit.** 2013, vol.26, n.4, pp.809-819.

FURMAN, F. K. **Facing the mirror: Older women and beauty shop culture.** Psychology Press, 1997.

GOLDENBERG, M. **O Corpo como Capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**, 09-30. São Paulo (SP): Ed. São Paulo, Estação das Letras e Cores. 2010.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: *Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale.* **Aval. Psicol.**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.41-49, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: um panorama da saúde no Brasil.** Acesso e utilização de serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde, 2016. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnad_panorama_saude_brasil.pdf. Acesso em: 04/07/18.

IRIGARAY, T. Q.; GOMES FILHO, I.; SCHNEIDER, R. H. Efeitos de um exercício de memória, memória e funções executivas na cognição de idosos saudáveis. **Psicol Reflexo. Crit.** 2012, vol.25, n.1, pp.182-187.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.** 2o ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOC, Z. *Determination of older people's level of loneliness.* **Journal of Clinical Nursing**, v.21, p.3037-3046, 2012.

KOWALSKI, J. P. et al. **Mulheres idosas: percepções sobre beleza e envelhecimento.** *Revista del Cehim.* NUEVA ÉPOCA p.76- 97, 2017.

LELOUP, J. **O corpo e seus símbolos.** Uma antropologia essencial. Editora Vozes. São Paulo: 1998.

LIMA, T. V. S. et al. Emoções e sentimentos revelados por idosos institucionalizados: Revisão integrativa. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.19, n.3, p.51-65, 2016.

LINI, E. V. et al. Idosos institucionalizados: prevalência de demências, características demográficas, clínicas e motivos da institucionalização. **RBCEH**, Passo Fundo, v.11, n.3, p.267-275, set./dez. 2014

LINI, E. V.; PORTELLA, M. R.; DORING, M. Fatores associados à institucionalização de idosos: estudo caso-controle. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.19, n.6, p.1004-1014, 2016.

LOPES, M. S.; ARANTES, R. C.; LOPES, R. G. C. Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.10, n.2, p.45-61, dez. 2007.

MAÇOLA, L.; VALE, I. N.; CARMONA, E. V. Avaliação da autoestima de gestantes com uso da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v.44, n.3, p. 570-577, 2010.

MARQUES, C. **Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo.** In Goldenberg, M. (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*, 21-44. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2011.

MEYER, D. E. **Gênero e educação: teoria e política.** In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* Petrópolis, RJ: Vozes, p.09-27, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p. (Saúde em debate; 46).

MORAES, A. **O corpo no tempo: velhos e o envelhecimento.** História do corpo no Brasil. São Paulo: UNESP, 2011.

MOURA, G. A.; Souza, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: Quatro desafios à velhice. *Textos & Contextos*. V.11, n.1, p. 172 -183, 2012.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece** – Psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NELSON. *Ageism, stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge: MIT Press. 2002.

OLIVEIRA, A. C. D. S.; R. FOCACCIA. "Survey of Hepatitis B and C Infection Control: Procedures at Manicure and Pedicure Facilities in Sao Paulo, Brazil." **Brazilian Journal of Infectious Diseases**. v.14, n.5, p. 502-507, Set-Out- 2010.

PALLASMAA, J. As Mãos Inteligentes. **Editora Bookman. São Paulo. SP: 2013.**

PAULSON, S. 'Beauty Is More Than Skin Deep.' An Ethnographic. Study of Beauty Therapists and Older Women." **Journal of Aging Studies**. v.22, n.3, p. 256-265, 2008.

PAVAN, F. J.; MENEGHEL, S. N.; JUNGES, J. R. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.24, n. 9, p.2187-2189, 2008.

PAVÃO, S. S. **A Identidade com o lugar de pessoas idosas institucionalizadas: um estudo exploratório realizado em dois lares da ilha Terceira (Açores).** Dissertação de Mestrado. Repositório UAC. Angra do Heroísmo, Portugal, 2013.

POLARO, S. H. I; GONCALVES, L. H. T; ALVAREZ, A. M. Enfermeiras desafiando a violência no âmbito de atuação da Estratégia de Saúde da Família. *Texto contexto - enferm*. 2013, vol.22, n.4, pp.935-942.

POUPART, J. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

RISSARDO, L. K. et al. Sentimentos de residir em uma instituição de longa permanência: percepção de idosos asilados. *Rev Enferm UERJ*; v.20, n.3, p.380-385, 2012.

RODRIGUES, A. P.; JUSTO, J. S. Ressignificação da feminilidade na terceira idade. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.14, n.2, p.169-186, 2009.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton: Princeton University Press, 1965.

SAFFIOTI, H. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais – **Revista FLACSO-Brasil**, jun. p. 01-44, 2009.

SANT'ANNA, D. B. Velhice: entre destino e história. **Estudos sobre Envelhecimento**. v.27, n.66. P.8-19, 2016.

SCHARAGRODSKY, P. A. **Juntos pero no revueltos:** la educación física mixta en clave de gênero. In: Cadernos CEDES. Campinas, v. 34, n. 121, p.59-76, jan-abril, 2004.

_____. **Masculinidades en acción:** machos, maricas, subversivos y cómplices. El caso de la Educación Física argentina. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa, et al. Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, p.18-30, 2007.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade:** aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. PUC-RS, Instituto de Geriatria e Gerontologia. **Estudos de Psicologia**. Campinas. V.25, n.4, p. 585-593, out./dez. 2008.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo:** As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **P. A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique**, Trad. Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes 1999.

SCHULTHEISZ, T.S.V.; APRILE, M.R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**. V.5, n. 1, p. 36 – 48, 2015.

SHILLING, C., *The Body and Social Theory*. Londres: Sage,1994. SIBILIA, P. **A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas**. In: Goldenberg, M. *Corpo Envelhecimento e Felicidade*, 83-101. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2010.

SIBILIA, P. **A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas**. In: Goldenberg, M. *Corpo Envelhecimento e Felicidade*, 83-101. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2010.

SILVA, N.P.; CACHIONI, M.; LOPES, A. Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI- EACH-USP. **Revista Kairós Gerontologia**. v.15, n.7, p.235-257, 2012.

SILVA, L. C. C.; FARIAS, L. M. B.; OLIVEIRA, T. S.; RABELO, O. F. Atitude de Idosos em Relação à Velhice e Bem-Estar Psicológico. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v.15, n.3, p.119-140, 2012.

SIMÕES, R. **Idoso Asilado: Qual sua imagem?** São Paulo: Fontoura, 2011.

SOARES, C. L. *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006 – 3.ed. 180p.

TAVARES, M. C.G.C.F. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003.

VASCONCELOS, D. et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, v.9, n.3, p.413-418, 2004.



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF